

# Introdução

Em abril de 1941, Al Bowly, um dos mais aclamados cantores britânicos, gravou uma nova canção da autoria de Irving Berlin, nos estúdios de Abbey Road, em Londres. «When that man is dead and gone» (Quando aquele homem estiver morto e enterrado) acabaria por se tornar uma das canções mais populares durante a guerra. A canção dizia que Al Bowly ansiava pelo dia em que «chega a notícia/que o Satanás de bigode» era enterrado «no quintal». A canção, embora composta pelo americano Irving Berlin, resumia o estado de espírito do povo britânico em 1941, que via Hitler como uma figura ridícula, mas perigosa, cuja morte seria celebrada. Mas nem sempre fora esse o caso.

Mesmo por altura da «Guerra Falsa», ou aquilo a que alguns chamaram «Guerra Aborrecida», do inverno de 1939-40, havia um número considerável de pessoas a defender que se chegasse a um acordo com o ditador alemão. Dentro de um ano, isso mudaria. As atitudes exaltaram-se devido à humilhação da evacuação de Dunquerque em maio de 1940 e à Batalha da Grã-Bretanha que ocorreu no verão e outono seguintes, mas principalmente devido ao *Blitz*, que aterrorizou cidades como Bristol, Coventry, Glasgow, Liverpool e Londres.

O próprio Al Bowly foi uma vítima. Uma semana depois de gravar «When that man is dead and gone», explodiu uma bomba no exterior do seu apartamento, em Piccadilly. Deitado na cama a ler um livro de cobóis, Bowly teve morte instantânea.

O público britânico ouviu falar de Adolf Hitler pela primeira vez em novembro de 1923, quando este tentou assumir o controlo do governo da Baviera, como primeiro passo para derrubar a República de Weimar. Mas o seu despertar político começou na Primeira Guerra Mundial.

***A ideia de combate é tão antiga quanto a própria vida,  
pois a vida só pode ser preservada se outros seres vivos  
perecerem.***

*Adolf Hitler, 1928*

A 1 de agosto de 1914, Hitler foi fotografado no meio de uma multidão que se tinha reunido para comemorar o rebentar da Primeira Guerra Mundial na praça Odeonsplatz, em Munique. Mais tarde, escreveu no *Mein Kampf* que «agradecia aos céus, do fundo do coração, a bênção de ter podido viver numa época como aquela». A guerra era uma «salvação da angústia que me afligia durante a juventude».

Essa angústia começou nos primórdios da infância. Adolf Hitler nasceu em 1889, na cidade de Branau am Inn, na Áustria. O seu pai, Alois, era um homem de mau temperamento, autoritário e imprevisível, frequentemente embriagado. De acordo com a sua irmã mais nova, Paula, Adolf era espancado diariamente. A sua mãe, Klara, era muito mais nova do que o marido, e ambos eram parentes próximos. Klara tratava-o por «tio». Mais tarde, Hitler revelaria que ela se sentava à porta da sala, à espera que terminassem os espancamentos para poder reconfortar o filho. Nas palavras de Paula, Klara era «uma pessoa muito afável e carinhosa» e Adolf adorava-a. O pai faleceu quando Hitler tinha 14 anos e a mãe, quando tinha 18. O médico de Klara, que tinha atestado muitos óbitos, recordou mais tarde: «Nunca vi ninguém tão destroçado como Adolf Hitler.»

Hitler já tinha sofrido um desgosto, ao não conseguir uma vaga como estudante de Arquitetura na Academia de Belas-Artes de Viena, pouco antes da morte da mãe. Depois do seu funeral, em 1907, Hitler regressou à capital austríaca. Viveu em hospedagens baratas e, após algum tempo a dormir em bancos de jardim, mudou-se para uma pousada masculina. Requereu apoio financeiro de forma fraudulenta — fazendo-se passar por estudante — e complementou esses ganhos com a venda de pequenos quadros e desenhos, mas levava uma vida indolente. Levantava-se ao meio-dia e ficava a pé até tarde, a trabalhar em grandiosos projetos de arquitetura: projetando castelos, teatros e salas de concertos. Escreveu óperas e peças de teatro. Cada projeto começava com uma euforia maníaca, mas nenhum chegava a ser terminado. Os seus sonhos ambiciosos eram alternados por períodos de depressão.

***Houve algum empreendimento duvidoso, algum tipo de obscenidade, especialmente na vida cultural, em que não tenha participado, pelo menos, um judeu? Ao espetar a faca da investigação nesse tipo de abcesso, descobria-se imediatamente, como o verme num corpo putrefacto, um pequeno judeu que frequentemente ficava encandeado pela luz súbita.***

*Adolf Hitler, Mein Kampf*

Hitler envolvia-se com frequência em discussões acaloradas nas cozinhas noturnas onde ia comer pão e sopa. De acordo com um dos seus primeiros colegas de quarto em Viena, o judeu-checo August Kubizek, aos 19 anos, Hitler discutia com todos e tinha ataques de ódio. O antissemitismo de Viena, exprimido grosseiramente em infinitos panfletos baratos, deu-lhe uma oportunidade de concentrar os seus sentimentos de fúria e ressentimento. Quando escreveu *Mein Kampf*, 15 anos depois, afirmou que esse tinha sido o período que dera forma à sua perspetiva da vida: «Desde então, alarguei muito pouco esse fundamento e nunca o alterei.»

Esta agressividade supurante encontrou um novo escape na Primeira Guerra Mundial. Hitler foi aceite no exército alemão como moço de recados do regimento e, subitamente, a sua vida sem objetivos passou a ter uma estrutura e um propósito. Nos quatro anos seguintes, foi ferido duas vezes e duas vezes condecorado, mas nunca foi promovido acima de cabo. De acordo com um dos seus colegas do exército, sentava-se a um canto «de capacete na cabeça, pensativo, e nenhum de nós o conseguia tirar daquela apatia». Era visto como um solitário, um sonhador. O seu único amigo era um cão, um terrier branco a quem chamou *Foxl* e que tinha vindo das trincheiras inglesas. De acordo com o seu superior militar, Fritz Wiedemann, Hitler era corajoso mas estranho e não pôde ser promovido pois era evidente que não sabia impor respeito.

***Nessas noites, o meu ódio cresceu — ódio por quem originou este crime ignóbil.***

***Adolf Hitler, Mein Kampf***

A 10 de novembro de 1918, na véspera do Dia do Armistício, Hitler estava num hospital no Nordeste da Alemanha, a convalescer após o seu segundo ferimento. Como referiu em *Mein Kampf*, um pastor entrou para se dirigir aos doentes. Com pesar, disse-lhes que a Alemanha se tinha tornado uma república; a monarquia tinha caído; a guerra estava perdida. Para Hitler, esta notícia tinha sido insuportável:

«Já não aguentava. Para mim, tornou-se impossível ficar quieto por mais um minuto. Mais uma vez, tudo ficou negro diante dos meus olhos. Voltei para o dormitório, a cambalear e às apalpadelas, e depois atirei-me para o meu beliche e enfiei a cabeça no cobertor e na almofada; tinha a cabeça a latejar.

Não chorava desde o dia em que tinha estado na sepultura da minha mãe... mas agora não conseguia evitar...

Então, tinha sido tudo em vão... Teria tudo isto acontecido para que um gangue de criminosos miseráveis pudesse deitar a mão à terra pátria? Eu, pela minha parte, decidi ir para a política.»

***Um homem — ouvi dizer que um homem... Um desconhecido, esqueci-me do seu nome. Mas se alguém nos pode libertar de Versalhes, é este homem. Este desconhecido vai restituir a nossa honra!***

*Rudolf Hess, maio de 1920*

Depois de sair do hospital, Hitler foi viver para Munique e começou a frequentar reuniões políticas. Fez o seu primeiro discurso em público a 16 de outubro de 1919, numa cervejaria, num subúrbio de Munique, para um público de 111 pessoas. Falou até ficar exausto e a suar, soltando uma torrente de ódio contra o sistema político, frustração perante a humilhação da derrota da guerra de 1914-18 e determinação para derrubar os traidores que tinham assinado o Tratado de Versalhes, em junho. Hitler ficou em êxtase ao descobrir que «o que sempre sentira, do fundo do coração... provou ser verdade. Sabia fazer um bom discurso». O público ficava extático com a sua intensidade rude. Estava a dar voz ao sofrimento de pessoas que se sentiam indefesas e a oferecer a esperança de um futuro glorioso a pessoas que se sentiam derrotadas. No espaço de semanas, começou a atrair grupos de 400 pessoas; no mês de fevereiro seguinte, dirigiu-se a 2000 pessoas, enfiadas numa enorme cervejaria, no centro da cidade. As pessoas subiam para cima das mesas e rugiam enquanto Hitler gritava injúrias aos judeus. Houve aplausos tumultuosos quando declarou: «O nosso lema é simplesmente a luta! Avançamos determinados em direção ao nosso objetivo!»

Em julho de 1921, Hitler já tinha assumido a liderança do Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, NSDAP, mais tarde conhecido como Partido Nazi. No outono de 1923, Hitler já tinha reunido mais de 55.000 seguidores, mil vezes mais do que o partido tinha quando este aderiu, como 55º membro. Inebriado por este sucesso e inspirado pela bem-sucedida «Marcha sobre Roma» de Mussolini no anterior mês de outubro, Hitler decidiu tentar um golpe — conhecido mais tarde como o *Putsch* da Cervejaria — e afirmar a sua posição como líder de todos os grupos de protesto antirrepublicanos de Munique. O *putsch* foi planeado num dia e executado no seguinte.

***Um homem de pequena estatura... com a barba por fazer, o cabelo despenteado e tão rouco que mal conseguia falar.***

*Descrição de Hitler numa reportagem do Times sobre o Putsch da Cervejaria de Munique*

Na noite de 8 de novembro, Hitler entrou de rompante numa cervejaria de Munique, onde 3000 pessoas estavam a ouvir discursos de políticos bávaros. Estava acompanhado de um dos seus seguidores mais glamorosos — o herói de guerra e incrível piloto de caças, Hermann Göring — e uma equipa de tropas de assalto de capacete, que empurravam uma pesada metralhadora. Hitler saltou para cima de uma cadeira, sacudindo um chicote para cães e empunhando uma pistola. Para se fazer ouvir, disparou um tiro para o teto e depois gritou para toda a sala: «A revolução nacional rebentou em Munique! Neste momento, toda a cidade está ocupada pelas nossas tropas. A adega está cercada por 600 homens. Ninguém pode sair!»

A cidade não estava ocupada pelas tropas nazis e o *putsch* extinguiu-se ao fim de uma troca de tiros que durou 30 segundos, nos quais morreram quatro polícias e 14 nazis. Um dos ativistas era um jovem criador de galinhas, de rosto suave e rechonchudo e óculos. Andava de cabeça erguida e carregava um estandarte com uma suástica. Chamava-se Heinrich Himmler.

Hermann Göring foi baleado na perna. Adolf Hitler tropeçou e deslocou o ombro. Ambos fugiram do local. Göring conseguiu fugir para a Áustria, onde lhe trataram os ferimentos e lhe deram morfina para a dor. Foi o início de um vício que duraria toda a vida. Hitler só conseguiu chegar a casa de um amigo nos arredores de Munique e foi preso dois dias depois. Foi julgado por traição, juntamente com outros organizadores da marcha. Atribuíram-lhe a pena mínima de cinco anos e, em abril de 1924, foi enviado para a Prisão de Landsberg.

Em Landsberg, Hitler tinha um quarto espaçoso, com janelas viradas para a bela paisagem campestre. Muitos dos guardas prisionais eram membros do Partido Nazi e mostravam secretamente o seu respeito, com saudações de «Heil Hitler». Hitler estava autorizado a receber flores e prendas e tinha tantos visitantes que, quando atingiu os 500, decidiu proibi-los. Passou a maior parte do tempo a escrever, ou melhor, a ditar, *Mein Kampf*, definindo uma ideologia política que nunca chegou a rever. Argumentava que o sucesso futuro da nação alemã exigia o triunfo sobre as conspirações malignas dos Judeus e comunistas e a expansão do território para Leste.

Depois da confusão do *putsch* de 1923, Hitler passou dez anos a aperfeiçoar o Partido Nazi e, com o apoio do antigo criador de galinhas Heinrich Himmler, desenvolveu as SS como uma elite militar eficaz. O foco da sua ambição passou da política bávara para a liderança nacional.

***É esse o milagre da nossa era, que vocês me tenham encontrado, que me tenham encontrado entre tantos milhões! E o facto de eu vos ter encontrado, essa é a sorte da Alemanha!***

*Adolf Hitler, 13 de setembro de 1936*

A nomeação de Hitler como Chanceler da Alemanha a 30 de janeiro de 1933 foi celebrada com enormes procissões de archotes orquestradas. A realidade é que o Partido Nazi tinha chegado ao poder com apoio minoritário, depois de uma eleição que não conseguira formar um governo com maioria. A Alemanha estava a padecer de uma inflação catastrófica e alto nível de desemprego, que Hitler combateu através de um enorme programa de construção de estradas, construção civil e rearmamento militar. A expansão foi financiada através de enormes empréstimos, apreensão de bens e impressão de moeda.

Ao mesmo tempo, Hitler introduziu políticas destinadas a destruir a oposição. Os sindicatos e todos os outros partidos políticos foram banidos. Os opositores foram assassinados ou enviados para os recém-criados campos de concentração. Na busca de uma noção de perfeição racial, foram aprovadas leis de «Higiene Racial». As relações sexuais eram proibidas entre os chamados Arianos e os Judeus ou «ciganos, pretos ou a sua prole bastarda». Foi estabelecido um programa de eugenia em segredo, para o assassinato médico de pessoas com deficiência.

As alterações eram impostas através da violência, distribuída pelas SS e pela recém-criada Gestapo, e através de propaganda extravagante. Um jovem jornalista com um doutoramento em Literatura Romântica, Joseph Goebbels, ficou responsável por controlar os meios de comunicação. Um jovem arquiteto, Albert Speer, foi chamado para projetar o impacto visual das marchas e comícios de massas.

***Minha querida esposa.***

***Isto é um inferno. Os Russos não querem abandonar Moscovo. Está tanto frio, que até a alma me congela. Imploro-te: para de escrever sobre as sedas e botas que***

***devia levar-te de Moscovo. Não compreendes que estou a morrer?***

*Adolf Fortheimer, soldado alemão, dezembro de 1941*

Em 1939, Hitler refletiu sobre os feitos dos seus primeiros seis anos de liderança, num discurso exposto no parlamento alemão, o «Reichstag»:

«Devolvi ao Reich as províncias que nos foram retiradas em 1919; trouxe milhões de alemães profundamente insatisfeitos, que nos tinham sido roubados, de volta à Terra Pátria; restituí a unidade histórica de mil anos do espaço habitacional alemão; e tentei fazer tudo isto sem derramar sangue e sem infligir os males da guerra ao meu povo ou a qualquer outro. Consegui tudo isto, sendo que há 21 anos era ainda um trabalhador desconhecido e um soldado ao serviço do meu povo, através do meu próprio esforço...»

No final de 1938, a Renânia, a Áustria e a área da Sudetenland, na Checoslováquia, tinham sido anexadas pela Alemanha, sem qualquer oposição internacional. Mas a invasão da Polónia levou a que a França e a Grã-Bretanha declarassem guerra à Alemanha, a 3 de setembro de 1939. Sem se deixar intimidar, Hitler invadiu a Dinamarca e a Noruega em abril de 1940, mais uma vez sem encontrar grande oposição. Então, na primavera de 1941, as tropas alemãs foram enviadas para os Balcãs, Jugoslávia, Grécia, Norte de África e para o Médio Oriente, e mais tarde para o Iraque e Creta. O princípio do fim desta expansão gigantesca chegou em junho de 1941, quando Hitler lançou um ataque massivo à Rússia Soviética, infringindo um pacto de não-agressão de 1939. Seis meses mais tarde, declarava guerra aos Estados Unidos. No Natal de 1944, a Alemanha estava encurralada entre estas duas superpotências em desenvolvimento.

A 15 de janeiro de 1945, Hitler fugiu à horrenda realidade da derrota. Voltou rapidamente para Berlim e refugiou-se no seu *Führerbunker*, dando instruções a Albert Speer para que toda a indústria e infraestrutura alemãs fossem destruídas. Não haveria rendição. A vitória ou a destruição eram as únicas opções.

Havia dois *bunkers* por baixo do edifício da Chancelaria do Reich, em Berlim. O mais antigo, o do piso superior, tinha sido concebido por Albert Speer, como um abrigo antiaéreo no início nos anos 30. Foi construído sob as caves da antiga Chancelaria do Reich e estava pronto para ser utilizado em 1936. Um *bunker* inferior, que acabou por ficar conhecido como *Führerbunker*, foi construído em 1944. Estava localizado a 8,5 metros de profundidade, sob o jardim, e era protegido por um telhado de betão com 3 metros de espessura.

Em janeiro de 1945, Hitler dormia no *Führerbunker*, mas trabalhava nas restantes divisões da Chancelaria do Reich. No início da tarde de 3 de fevereiro de 1945, a Força Aérea dos Estados Unidos bombardeou violentamente Berlim, criando uma bola de fogo que ardeu durante cinco dias e infligiu os piores danos que a capital já tinha sofrido. A partir deste momento, Hitler manteve-se no subterrâneo.

A maioria dos membros seniores do Partido Nazi tinha levado a família para locais seguros e saíra da capital. Apenas Joseph Goebbels permaneceu em Berlim, a dormir num *bunker* luxuoso, construído sob a sua casa de família. O líder das SS, Heinrich Himmler, tinha estado a viver num sanatório, na bela estância de Hohenlychen, desde janeiro, a ser tratado por stress e dores de estômago agudas. Himmler tinha-se em grande conta como figura de estatuto internacional e convencera-se de que era a pessoa indicada para negociar a paz e liderar a Alemanha do futuro. Seguindo a sugestão do seu massagista sueco, Felix Kersten, que se tinha aproveitado da sua relação com o líder das SS para tentar libertar prisioneiros dos campos de concentração, Himmler teve duas reuniões secretas: uma com o Conde Folke Bernadotte, um diplomata sueco, e outra com Norbert Masur, o representante sueco do World Jewish Congress. O pretexto de ambas as reuniões era discutir a libertação de prisioneiros, mas a intenção de Himmler era abrir uma via de comunicação com os Aliados do Ocidente. Esperava que Masur acabasse com o problema da Solução Final.

***Sabem de que gostava? Gostava que tivessem  
assassinado Hitler; então, haveria uma hipótese  
de acabar com a guerra!***

*Albine Paul, apoiante do Partido Nazi, primavera de 1945*

A 11 de março de 1945 houve uma cerimónia em memória das vítimas da guerra, na vila de Markt Schellenberg, perto do refúgio nas montanhas de Hitler, em Obersalzberg. No final do seu discurso, o comandante do exército local ordenou um «Sieg Heil» para o *Führer*. Fez-se um silêncio tenebroso. Nenhum dos civis, membros da *Home Guard* (milícia popular) ou soldados reagiu. Naquela manhã fria, todos ficaram calados e mantiveram o braço direito ao lado do corpo. Em centenas de comícios feitos nos 12 anos anteriores, aquelas pessoas e milhões de outras tinham-se levantado de um salto, hipnotizadas, para fazer «Sieg Heil» no final dos discursos estimulantes de Hitler. O feitiço tinha-se quebrado.

Hitler saiu à rua pela última vez no seu 56º aniversário, a 20 de abril de 1945. Arrastou-se pelos degraus de betão acima, do *Führerbunker* para

o jardim da Chancelaria do Reich para inspecionar um grupo de jovens, membros da Juventude Hitleriana. Os rapazes tinham recebido ordens para olhar em frente, por isso Armin Lehmann, de 16 anos, ficou em choque perante a aparência decrépita do *Führer* quando finalmente chegou a sua vez e o líder se pôs exatamente à sua frente. Tinha as mãos a tremer quando agarrou o braço de Lehmann e lhe puxou a manga, antes de lhe envolver a mão com as suas. Mais tarde, Lehmann escreveu: «Não podia crer que aquele velho decrépito que estava à minha frente era o visionário que tinha levado a nossa nação à grandiosidade.»

***Se o povo alemão não consegue arrancar a vitória ao inimigo, então será destruído... Os Alemães merecem perecer, pois os melhores homens da Alemanha terão morrido em combate. O fim da Alemanha será horrível, e o povo alemão tê-lo-á merecido.***

*Adolf Hitler, verão de 1944*

Nos dias seguintes, o exército russo cercou Berlim e entrou nos subúrbios. A tentativa de Göring de definir a sua posição como sucessor de Hitler despoletou um dos piores acessos de fúria do *Führer* e o despedimento de Göring como líder da Força Aérea. Hitler sentia-se traído por todos os lados. Atribuía o desastre da guerra à incompetência dos seus generais e, em última instância, era um fracasso do povo alemão. Quando soube das tentativas de Himmler de negociar com o Ocidente, ficou roxo de fúria e ordenou a sua detenção e execução.

Naquela noite, a 28 de abril de 1945, Hitler começou a tratar dos seus assuntos pessoais. Deu ordens a Joseph Goebbels para encontrar um oficial com autoridade para realizar um casamento civil e para procurar alianças de casamento. Depois de Eva Braun ter insistido durante anos a fio — «para mim, o casamento teria sido um desastre... é melhor ter uma amante» —, Hitler tinha decidido casar com ela, a mulher que tinha sido a sua amante secreta durante 14 anos. Depois pediu à sua secretária Traudl Junge para anotar o seu testamento final. Adolf Hitler, que durante os 12 anos anteriores tinha enfeitado a Alemanha, que tinha engendrado algumas das batalhas mais extraordinárias da História moderna, estava a preparar-se para pôr termo à própria vida.

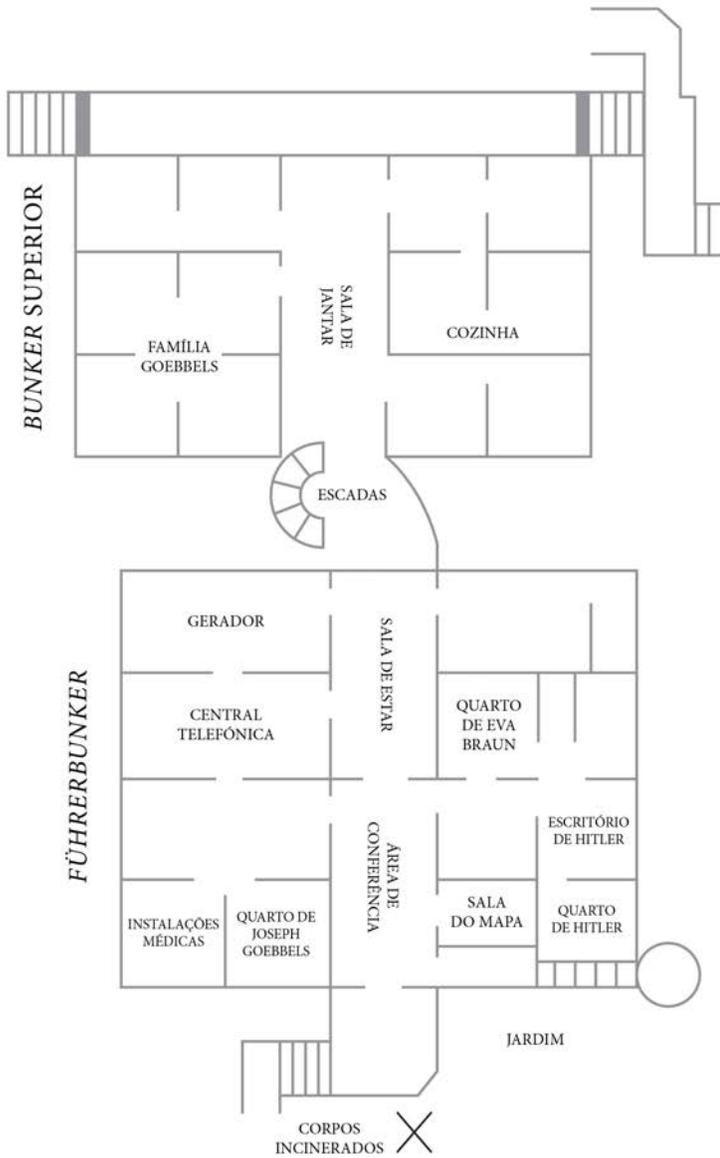
Este livro conta a história de segunda-feira, dia 30 de abril, o dia que Hitler comete suicídio e também do dia anterior, em que acontecem coisas extraordinárias, tanto no interior do *bunker*, como por todo o mundo, e que ajudam a contextualizar esse dia.

No dia D, 6 de junho de 1944, centenas de soldados dos Aliados escreveram sobre os acontecimentos de vida e morte que ocorreram ao seu redor. Por vezes, assim que trepavam até ao cimo da praia, tendo-se desviado de balas e morteiros, sacavam um lápis e um diário. Esses diários proporcionaram a matéria-prima perfeita para o livro *D-Day: Minute by Minute*. Por outro lado, esperávamos que fosse difícil encontrar relatos em primeira mão do final de abril de 1945 — poucas pessoas faziam ideia de que estes seriam dias históricos. No entanto, encontrámos inúmeros diários e memórias. Era como se no meio do caos, uma das formas de lidar com tal experiência fosse manter um diário — algumas pessoas atualizavam os seus diários quatro ou cinco vezes por dia.

Contudo, esse caos significava também que os envolvidos não tinham uma noção exata do tempo. Armin Lehmann, ao descrever a sua primeira visita ao *bunker* de Hitler, escreveu: «Estava desorientado; não sabia se era dia ou noite. O tempo tinha-se tornado um conceito insignificante.» Por vezes, tivemos de fazer uma estimativa de quando se deram os acontecimentos ou basearmo-nos em declarações como «mesmo antes do pôr do sol». Quando encontrámos acontecimentos interessantes com poucas indicações exatas acerca de quando se deram, indicámos uma data aproximada, acrescentando a expressão «aproximadamente» antes da data indicada no texto. Mas conseguimos frequentemente dar datas exatas aos acontecimentos, visto que o pessoal militar gosta de manter um registo de tais coisas — mesmo num campo de prisioneiros de guerra.

Para os acontecimentos decorridos no *bunker* de Hitler, conseguimos reunir bastantes memórias e entrevistas dadas por sobreviventes. Algumas destas testemunhas oculares são mais fiáveis do que outras, mas ao ler os seus diferentes pontos de vista e compará-las, em busca de discrepâncias, delineámos a sequência dos acontecimentos. A não ser quando indicado em contrário, as horas assinaladas referem-se ao fuso-horário alemão.

Al Bowlly cantou sobre o inferno que era o mundo de 1941, mas que «paraíso será/Quando aquele homem estiver morto e enterrado». É quase impossível acreditar que um só homem pudesse ser a causa de tamanho sofrimento. Enquanto Hitler punha termo à própria vida, centenas de milhares de pessoas por todo o mundo estavam a tentar sobreviver. O mundo, para todos os envolvidos, era de facto o inferno. Esta é a história dessas pessoas.





*Entrada do Führerbunker pelo jardim da Chancelaria do Reich, julho de 1947.*

## Domingo, 29 de abril de 1945

*Agora, todos têm a oportunidade de escolher o papel que irão desempenhar no filme dos próximos cem anos.*

*Joseph Goebbels, 17 de abril de 1945*

### *Hora local: meia-noite/8:00 em Tóquio*

Eva Braun está no seu quarto, a ser penteada pela criada, Liesl Ostertag. Braun mantém o cabelo ligeiramente oxidado, curto e encaracolado, com a longa franja presa por ganchos do lado direito. O seu rosto está cuidadosamente maquilhado para parecer natural, como Adolf Hitler gosta. Já escolheu a roupa: um vestido preto e comprido de tafetá, que vai usar com o seu relógio de diamantes favorito, uma pulseira de ouro com pedras de turmalina cor-de-rosa e um colar de topázio. Optou por sapatos pretos de camurça *Ferragamo*, um dos inúmeros pares que trouxe do *designer* italiano exclusivo, desde a sua primeira visita a Itália, em 1936. Braun quer estar com a melhor aparência possível. Esta noite, vai casar com o homem que ama desde os 17 anos. Ambos têm um caso secreto há 14 anos.

O quarto de Braun é o mais confortável no complexo do *bunker*. Mobilou-o totalmente com peças desenhadas para si própria, pelo arquiteto do *bunker*, Albert Speer. Para além do toucador e da cadeira, há um sofá de costas direitas, estofado com um tecido floral, um guarda-roupa e uma cama de solteira. Tudo tem a marca do seu monograma, o trevo de quatro folhas, também desenhado por Speer: os dois lados do trevo resultam de um «E» curvado, virado para um «B» também curvado. O seu monograma está estampado na mobília, bordado na sua roupa e gravado nas escovas e pentes de prata, nas suas joias e no gancho que Liesl lhe está a pôr no cabelo.

*O arquiteto favorito de Hitler, Albert Speer, concebeu a nova e gigantesca Chancelaria do Reich, um palácio rococó na Williamstrasse de Berlim, que tinha servido como edifício oficial da Chancelaria desde 1875, assim como o complexo do bunker, abaixo de ambos os edifícios. Os dois edifícios da Chancelaria sofreram bombardeamentos e estão praticamente abandonados, mas nas caves há um hospital de emergência e uma cozinha de campanha, garagens e uma rede de salas para secretárias, oficiais e funcionários públicos. As caves estão ligadas ao Führerbunker através de um longo corredor que foi bombardeado nos últimos dias, mas por onde ainda é possível passar.*

Oito metros e meio acima da cabeça de Eva Braun, o corpo do seu cunhado, Hermann Fegelein, está a ser colocado numa cova rasa, no jardim da Chancelaria do Reich. Os coveiros trabalham à luz das tempestades de fogo que iluminam o céu de Berlim. A artilharia russa está a bombardear violentamente a cidade, visto que as forças soviéticas conseguiram finalmente atravessar o rio Spree e as suas armas estão a proteger a torrente de tanques que entram no centro de Berlim. O cunhado de Braun foi executado ao serão, segundo as ordens do homem com quem está prestes a casar. Eva implorou pela sua vida, a bem da irmã mais nova, Gretl, que espera o filho de Fegelein a qualquer momento, mas Hitler rejeitou-a fúriosamente, obrigando-a a admitir que «tu é que és o Führer».

*Hermann Fegelein, um obediente oficial da cavalaria, tinha vindo a trabalhar no bunker como oficial de ligação de Himmler. Tentara fortalecer a sua posição no círculo privado de Hitler, ao casar com Gretl Braun no verão anterior. Contudo, não tinha qualquer intenção de morrer ao lado do Führer, por isso tinha desaparecido do bunker na semana anterior. Fora apanhado com uma mulher — que não a sua esposa — no seu apartamento de Berlim. Aparentemente a preparar-se para fugir da capital, foi encontrado a enfiar joias e marcos alemães numa mala. Desde então, tinha estado detido pela Gestapo e quando chegou ao bunker a notícia de que Himmler tentara negociar com os Aliados, Hitler não hesitou em ordenar a execução do representante do líder das SS.*

...

Na Base Aérea Naval de Kanoya, no Sul do Japão, Yasuo Ichijima está no quarto a atualizar o seu diário. Tem de voar dali a umas horas e sabe que não vai voltar. No ano passado, a maioria dos voos de Kanoya foram missões *kamikaze*. Há uns dias, disseram a Ichijima que a sua missão suicida estava iminente, e este passou o seu tempo a nadar, a fazer caminhadas e a despedir-se de amigos. Na terça-feira passada, não conseguiu dormir por causa do barulho dos pilotos *kamikaze* bêbados no quarto ao lado. Ichijima escreveu no seu diário: «Provavelmente, têm razão. Pessoalmente, prefiro esperar pela morte em silêncio. Estou ansioso por me comportar até ao último instante... Sinto-me honrado e orgulhoso por ter a oportunidade de oferecer ao meu país, pelo qual sinto um amor indescritível, uma vida pura.»

A missão de Ichijima consiste em pilotar um avião carregado de explosivos e combustível contra a frota americana, que faz parte das forças invasoras que lentamente tomam conta da ilha japonesa de Okinawa, a 800 quilómetros a sul. Os americanos avançaram sem parar pelo Pacífico e, se tomarem Okinawa, seguir-se-á brevemente a invasão do Japão. Ichijima tem de voar a baixa altitude e, evitando armas antiaéreas, despenhar-se contra um navio de guerra — de preferência perto ou dentro de uma das suas chaminés. Sabe que não pode fechar os olhos no último instante, por muito que queira, visto que perderá precisão. É um cristão devoto e está a escrever aquela que será a última entrada do seu diário — palavras do evangelho de Mateus: «Então Jesus disse aos seus discípulos: “Quem quiser ser meu discípulo, tem de renunciar a si mesmo, pegar na sua cruz e seguir-me”»

*Até agora, em abril, houve mais de 1000 missões kamikaze contra a Marinha dos EUA e Britânica, sendo que 20 navios afundaram e perderam-se centenas de vidas do lado dos Aliados. Os pilotos kamikaze têm uma formação básica, visto que só fazem um voo. São escoltados por pilotos experientes que voltam à base para apanhar a próxima vaga de jovens voluntários.*

*Joseph McNamara, um marinheiro a bordo do USS Anthony, ao largo da costa de Okinawa, descreveu no seu diário como era estar sob o ataque contínuo dos kamikaze. A 27 de maio de 1945, escreveu:*

*«Um dia de horror — inacreditável... um japonês atingiu a água tão perto de nós, que o seu corpo*

*foi projetado contra os lança-torpedos dianteiros. Os homens encontraram-no, coberto de bonecas de trapos, amuletos, etc. Foi atirado à água imediatamente. Os tubarões em bando despedaçaram-no. Estão sempre por perto.»*

*Yasuo Ichijima faz parte de uma pequena comunidade cristã no Japão. Os missionários católicos chegaram pela primeira vez em meados do século XVI e inicialmente foram perseguidos pela sua fé. Em 1873, foi levantada a proibição sobre o Cristianismo, mas este continua a ser praticado apenas por uma minoria; Yasuo Ichijima é visto pelos seus colegas pilotos como uma pessoa invulgar, por ter tais crenças.*

No escritório central do *Führerbunker*, o telefonista Rochus Misch está a ver Hans Hofbeck do Serviço de Segurança do Reich a descrever o assassinato de Hermann Fegelein. Hofbeck testemunhou a execução no corredor da cave da Chancelaria do Reich, há cerca de meia hora. Representa aquilo que viu: levanta os braços, como quem segura uma metralhadora imaginária, e aponta à altura dos ombros, gritando os efeitos sonoros, «Ratatatata!».

**«Se resultar, muito bem; se falhar, enforcamo-nos!»**

**00:10**

Adolf Hitler está de pé na sala de conferências do *Führerbunker*, com as mãos apoiadas no lado mais largo da mesa do mapa, vazia. Traudl Junge, uma das duas secretárias que restam no *bunker*, está sentada do outro lado da mesa, a anotar as suas palavras em estenografia. O *Führer* quase terminou de ditar o seu «Testamento Político». Junge estava muito entusiasmada quando ele começou. Pensou que ia ser a primeira pessoa a saber porque é que a guerra se tinha tornado tão catastrófica. Mais tarde, contou aos realizadores do documentário «The World at War»: «Tinha o coração a disparar (*sic*) enquanto escrevia o que Hitler dizia.» Mas à medida que Hitler prossegue num tom monótono, Junge começa a ficar cada vez mais desiludida. Não há revelações nem demonstrações de culpa, nem justificações; apenas as mesmas acusações

recicladas que a secretária já ouviu inúmeras vezes: «Não é verdade que eu, ou qualquer outra pessoa na Alemanha, quisesse a guerra em 1939. Foi desejada e provocada exclusivamente por aqueles políticos internacionais que ou são de origem judia ou trabalham em prol dos interesses dos Judeus...»

Gaba-se de ter obrigado os Judeus a pagar por todo o sofrimento que causaram: «Eu... não deixei quaisquer dúvidas de que, desta vez, não haveria milhões de crianças dos povos arianos da Europa a morrer à fome; não haveria milhões de homens adultos a morrer, nem centenas e milhares de mulheres e crianças a serem bombardeadas e queimadas até à morte nas cidades, sem que os verdadeiros culpados tivessem de pagar pelos seus delitos, mesmo que através de meios mais humanos.»

Hitler continua, explicando o seu suicídio planeado: «Não vou cair nas mãos de um inimigo que quer criar um novo espetáculo, organizado pelos Judeus, para entreter as massas históricas. Como tal, decidi permanecer em Berlim e aí escolher a morte de forma voluntária, no momento em que acreditar que a residência do *Führer* e do Chanceler já não possa ser mantida...»

*Traudl Junge escreveu as suas memórias do bunker em 1947-8, mas nos anos seguintes sentiu-se envergonhada do manuscrito e de não ter conseguido avaliar os acontecimentos de forma imparcial. Durante muitos anos, tentou não pensar nesta fase da sua vida. Convenceu-se de que era demasiado jovem — tinha 25 anos, em 1945 — para ser responsável pelo seu envolvimento no regime assassino. Contudo, um dia, quando já tinha mais de quarenta anos, passou por uma placa em memória de Sophie Scholl, em Munique. Sophie Scholl tinha sido membro do grupo Rosa Branca, que distribuía panfletos antinazis. Junge reparou que Scholl tinha nascido em 1920, tal como ela, mas em 1942 — o ano em que Junge tinha começado a trabalhar para Hitler — Scholl fora executada pelas suas atividades antinazis. Mais tarde, afirmou: «Naquele momento, percebi realmente que o facto de ser tão nova não era desculpa.» Reescreveu e publicou as suas memórias em 2002.*

Hitler mal levanta o olhar enquanto dita. Nomeia um governo sucessor com o Grande Almirante Dönitz — o líder da Marinha — à cabeça. Hermann Göring, líder da Luftwaffe, e Heinrich Himmler, líder das SS,

são formalmente expulsos do partido e destituídos dos seus cargos por negociarem com o inimigo «sem o meu conhecimento e contra a minha vontade». A lista de novas nomeações é longa. Enquanto Junge anota os nomes em estenografia, não consegue compreender o objetivo de todas aquelas nomeações se, como Hitler insiste, tudo está perdido.

O *Führer* para por instantes e depois começa a ditar o seu testamento pessoal.

Enumera várias heranças e depois explica que decidiu «tomar como minha esposa a jovem que ao fim de muitos anos de amizade veio de livre vontade para esta cidade praticamente cercada, para partilhar o seu destino comigo». A notícia choca Junge. Hitler sempre insistiu que nunca casaria, pois as mulheres têm uma influência destrutiva nos homens importantes. Hitler considerava que era importante para a sua imagem pública ser um homem solteiro, dedicado ao seu país e sem uma mulher a intrometer-se nas fantasias das mulheres alemãs.

Continua: «Eu e a minha esposa escolhemos a morte, para escapar à vergonha da destituição e da rendição. É da nossa vontade que os nossos corpos sejam incinerados imediatamente no lugar onde levei a cabo a maior parte do meu trabalho diário nos 12 anos em que servi o meu povo.»

Na cabeça de Hitler, o suicídio sempre foi uma opção. Mesmo antes do *Putsch* da Cervejaria de 1923, disse aos seus apoiantes: «Se resultar, muito bem; se falhar, enforcamo-nos!» Sempre achou que as alternativas eram o sucesso absoluto e a derrota absoluta. Não há meio-termo.

Hitler para por instantes e depois afasta-se da mesa. «Faz-me três cópias datilografadas disso e depois traz-mas.» Nunca pediu cópias em triplicado sem verificar primeiro um rascunho.

*No início desse serão, enquanto Hitler ordenava a execução de Fegelein, Traudl Junge tinha adormecido numa cama portátil, na sala de conferências do Führerbunker. Desde o bombardeamento do corredor que liga o bunker às caves da Chancelaria do Reich, Hitler insistiu que as duas secretárias que restam, Traudl Junge e Gerda Christian, viessem dormir no Führerbunker. Têm descansado quando podem e dormem vestidas.*

*Traudl Junge acha que o Führer a deve ter chamado e deixado descansar, pois quando esta foi ao seu gabinete por volta das 23:30 para tomar um chá, como as secretárias fazem todas as noites, este perguntou-lhe:*

*«Tiveste um bom descansozinho, minha filha?» De seguida, perguntou-lhe se podia apontar um ditado. Hitler chama-lhe muitas vezes «filha» e ela considera-o uma «figura paternal e gentil», que lhe proporciona «uma sensação de proteção, solicitude, segurança». Cresceu sem pai e a atitude protetora de Hitler é algo por que sempre ansiou.*

Traudl Junge tira a cobertura da máquina de escrever. Parece um fim tão indigno, «as mesmas frases, o mesmo tom apagado e depois... aquelas palavras terríveis sobre os Judeus. Depois de todo o desespero, todo o sofrimento, nem uma palavra de pesar, de compaixão». Pensa: *Deixou-nos sem nada. Um vazio.*

**«Amanhã vão todos para um hotel nas montanhas, que será incinerado depois de todos terem sido executados.»**

Na cozinha do hotel Bachmann, no centro de Villabassa — uma pequena cidade nos Alpes italianos — dois guardas das SS estão a embebedar-se com um agente secreto britânico. Um dos guardas já ficou inconsciente. O outro, chamado Fritz, tira um pedaço de papel do bolso e mostra-o ao inglês.

— Aqui está a ordem da tua execução; depois de amanhã já não estarás vivo.

O Capitão do SIS (Secret Intelligence Service — Serviços Secretos —, também conhecido como MI6), com o nome extravagante de Sigismund Payne-Best, recebe a notícia calmamente.

— Que parvoíce... Estou certo de que ninguém será tonto ao ponto de abater qualquer um de nós nesta fase da guerra. Ora, todos vocês serão feitos prisioneiros dentro de um ou dois dias.

*Payne-Best conhece bem as SS. Durante cinco anos e meio, o agente de 59 anos tem estado encarcerado por eles, principalmente na solitária, no campo de concentração de Sachsenhausen. Em novembro de 1939, foi capturado na fronteira da Holanda com a Alemanha, a meio do que pensava serem negociações de paz entre o governo alemão e o governo britânico de Neville*

*Chamberlain. A Grã-Bretanha e a Alemanha estavam em guerra há dois meses, e Chamberlain ainda estava ansioso por encontrar uma solução pacífica. Churchill, na altura Primeiro Lorde do Almirantado, estava cético em relação às conversações, e deram-lhe razão quando os alemães interromperam as negociações e prenderam Payne-Best e o seu colega, o Major Richard Stevens, para investigar as redes de Serviços Secretos britânicos na Europa.*

*Payne-Best é um homem notável e, nas palavras de um colega de prisão, «a caricatura do homem inglês. Muito alto, muito magro e até um pouco curvado de tão macilento, com as bochechas chupadas e rugosas, os dentes salientes, monóculo, calças de flanela, blusão ao xadrez e um cigarro». Na verdade, os seus dentes são uma dentadura; os originais foram substituídos por um dentista de Sachsenhausen, por estarem podres devido à péssima alimentação do campo de concentração. Payne-Best não ficou incomodado pelo processo, apesar da falta de anestesia, porque pôde sair da cela. Fala alemão fluente, já que foi um agente dos Serviços Secretos na Primeira Guerra Mundial, e aproveitou todas as oportunidades que teve em Sachsenhausen para conhecer melhor os seus guardas das SS. Fala com tamanha confiança e autoridade, que os colegas com quem bebe partem do princípio que este tem conhecimentos dentro das SS e, como tal, tentam ser seus amigos.*

Enquanto Payne-Best tenta ler o pedaço de papel que Fritz agita no ar, Fritz assegura-lhe que todos os agentes das SS irão lutar até ao fim e nunca serão tomados prisioneiros. O que Payne-Best consegue distinguir é uma longa lista de nomes e a ordem de que devem ser executados, caso haja o risco de caírem nas mãos dos Aliados. O outro guarda resmungava embriagado, à procura da pistola: «Fuzila-os a todos — é melhor tirar a tosse a todos.»

Os nomes constantes da lista são os colegas de prisão mais famosos de Payne-Best — 120 deles — que dormem agora lá em cima, no Bachmann e noutros hotéis e casas em redor de Villabassa. São todos considerados pelos Alemães como *Prominente* — prisioneiros que têm bons contactos a nível político ou social e que podem ser usados como moeda de troca em negociações com os Aliados. O intervalo de idades dos 120 prisioneiros vai dos 3 aos 73. Durante as últimas semanas, foram desloca-

dos pelos alemães para longe dos russos, que se aproximam. Na passada quarta-feira, saíram do campo de concentração de Dachau, onde tinham estado durante oito dias.

Os prisioneiros da lista de Fritz incluem Léon Blum, antigo Primeiro-ministro francês e a sua esposa; o Pastor Martin Niemöller, um crítico sem reservas de Hitler e fundador da Igreja Confessional — um movimento protestante, fundado para fazer frente ao Nazismo — e colega de prisão de Payne-Best em Dachau, há algumas semanas, e Kurt von Schuschnigg, o antigo Chanceler da Áustria, a sua esposa e a filha de três anos. Uma parte do castigo de Schuschnigg por ter tentado defender a independência da Áustria antes de Hitler a anexar foi limpar as casas de banho dos seus guardas das SS com a própria toalha e escova de dentes. Depois obrigaram-no a lavar os dentes.

— Ora, Fritz — diz Payne-Best. — Certamente não quer contribuir para o meu assassinato?

— *Ja, Herr Best.* Mas que posso eu fazer? Vocês amanhã vão todos para um hotel nas montanhas que será incinerado, depois de todos terem sido executados.

Então Fritz tem uma ideia.

— Vou dizer-lhe o que vou fazer. Faça-lhe sinal antes de começarem a disparar e você pode vir para a minha beira para eu poder dar-lhe um tiro na nuca... Não vai dar conta de nada.

Saca da sua pistola.

— Vire-se, que eu mostro-lhe.

— Não seja parvo! Como é que posso ver o que está a fazer atrás das minhas costas? Ainda se engana e mata-me agora!

Fritz vira-se para o seu colega embriagado.

— Vira tu a cabeça, para eu poder mostrar ao *Herr* como se faz o *Nackenschuss*.

Mas o homem das SS limita-se a murmurar algo sobre «tirar a tosse a todos», derruba tudo o que está em cima da mesa e desmaia sobre a mesma.

Fritz começa então a contar a Payne-Best que a sua esposa e filhos, que estão na sua terra, não fazem ideia de todas as atrocidades que já cometeu, que matou «centenas; não, milhares de pessoas» e que a guerra é uma coisa horrível, mas a culpa é dos Judeus e dos plutocratas em Inglaterra e nos Estados Unidos. Hitler é um bom homem e só quer a paz.

Payne-Best já ouviu o suficiente. Pede licença e vai para o quarto.

*A 22 de abril de 1945, ao aperceber-se de que a situação da Alemanha era um caso perdido, Hitler gritou*

*aos seus generais que todos os Prominente deviam ser abatidos. Já não tinham qualquer valor como moeda de troca, e queria ferir os Aliados de qualquer maneira que ainda lhe restasse. Aos olhos do Führer, o valor da troca de reféns diminuiu depois da captura do filho de Estaline, Yakov Dzhugashvili. Hitler ofereceu-se para o trocar pelo Marechal de Campo alemão Friedrich Paulus, que tinha sido capturado em Estalinegrado. Estaline rejeitou a oferta: «Não vou trocar um marechal por um tenente», respondeu. Yakov Dzhugashvili morreu num campo de concentração.*

*O nome verdadeiro de Estaline é Iosif Vissarionovich Dzhugashvili. «Estaline» é um pseudónimo. Vem da palavra russa para «aço».*

*Os Prominente incluíam também prisioneiros britânicos, alguns dos quais encarcerados no Castelo de Colditz, como o sobrinho de Churchill — Giles Romilly, John Elphinstone — um sobrinho da Rainha, e Michael Alexander que, ao ser capturado no Norte de África, fingiu ser parente do Marechal de Campo britânico, Sir Harold Alexander.*

No *Führerbunker*, a sala de conferências está a ser preparada para a cerimónia de casamento. São postas cinco cadeiras à volta da enorme mesa do mapa. Traudl Junge teve de pegar na sua máquina de escrever e ir trabalhar para a sala comum, do lado de fora do quarto de Joseph Goebbels.

O magistrado e voluntário da *Home Guard*, Walther Wagner, chega ao *bunker* a segurar um documento datilografado, de duas páginas. Chegou ao *bunker* ao início do serão, chamado por Joseph Goebbels. Quando descobriu que tinha de realizar um casamento civil, insistiu em regressar ao seu escritório para preparar a papelada adequada. Wagner está a usar o seu uniforme nazi, com a braçadeira da *Home Guard*. O criado de quarto de Hitler, Heinz Linge, acha que Wagner está tão entusiasmado quanto a noiva.

### ***Aproximadamente 00:15***

O novo Comandante da Luftwaffe, Robert Ritter von Greim, apoia-se nas muletas com dificuldade, enquanto sobe os degraus de betão do *bunker*.

Von Greim acabou de passar dois dias com o *Führer*, tendo sido chamado para que Hitler pudesse nomeá-lo pessoalmente para substituir o líder da Luftwaffe caído em desgraça, Hermann Göring.

*A queda de Göring foi provocada por um telegrama que este enviou para Hitler, a 23 de abril. No briefing militar da tarde anterior, Hitler ficara a saber que os Russos tinham quebrado o cordão de defesa interno e estavam nos subúrbios do Norte de Berlim. Não havia notícias de um contra-ataque alemão. Hitler começou a gritar. Disparatou durante meia hora, sem parar. Falou de fracasso, mentiras, corrupção e traição até finalmente tombar, aos soluços, numa poltrona. Declarou que a guerra estava perdida. Era a primeira vez que o dizia. Murmurou que todos eram livres de se irem embora, mas ele ficaria em Berlim até ao fim. O único dever que lhe restava era morrer.*

*— Não há muito mais pelo que lutar — concluiu — e se é uma questão de negociações, o Marechal do Reich pode sair-se melhor que eu.*

*O Marechal do Reich era Hermann Göring, que tinha sido nomeado sucessor de Hitler em 1941. O comentário era apenas para mudar de assunto, mas o representante de Göring no bunker, Karl Koller, levou-o a sério e partiu imediatamente para a Baviera, para informar o seu chefe.*

*Quando Göring soube da notícia, ficou surpreendido e entusiasmado. Tentou escrever um telegrama ao Führer, para esclarecer e confirmar a situação. Contudo, foi demasiado loquaz para escrever um rascunho suficientemente curto para um telegrama, por isso a sua mensagem foi reescrita por Koller:*

*«FÜHRER! — Tendo em conta a sua decisão de permanecer no seu posto na fortaleza de Berlim, concorda que eu assumo, imediatamente, a liderança total do Reich, com total liberdade de atuação a nível nacional e internacional, como seu substituto, de acordo com o seu decreto de 29 de junho de 1941? Se não receber qualquer resposta até às 22:00 de hoje, assumirei que perdeu a sua liberdade de atuação e considerarei como cumpridas as condições do seu decreto e agirei no melhor interesse*

*do nosso país e do nosso povo. Sabe a estima que lhe tenho nesta hora mais tenebrosa da minha vida. Não tenho palavras para me exprimir. Que Deus o proteja e que o faça chegar aqui rapidamente, apesar de tudo. Lealmente ao seu serviço, HERMANN GÖRING.»*

*Quando o telegrama chegou ao bunker na noite de 23 de abril, despoletou outro ataque de fúria do Führer, acerca de corrupção e traição. O secretário pessoal de Hitler, Martin Bormann, um inimigo pessoal de Göring, fez o rascunho da resposta, que o destituía da sua posição de sucessor e exigia a demissão imediata por motivos de saúde, para evitar medidas mais graves. Göring demitiu-se no espaço de meia hora. Hitler ordenou então que Bormann convocasse Robert Ritter von Greim, um dos pilotos mais condecorados da Alemanha.*

*Von Greim fez um voo quase impossível para Berlim, chegando a 26 de abril. Por esta altura, os Russos controlavam o espaço aéreo da capital germânica, e a base do avião de von Greim foi destruída por armas antiaéreas. Sofreu um ferimento grave na perna e a sua companheira, a pequena aviadora Hanna Reitsch, teve de se inclinar por cima dos seus ombros para aterrar o avião em segurança na pista temporária junto ao Portão de Brandemburgo: uma extensão de 400 metros de estrada sem buracos que passava pelo parque central de Berlim, o Tiergarten.*

À medida que Reitsch tenta agora ajudar von Greim a subir a escadaria do *bunker*, protesta inconsolavelmente — quer ficar no *bunker* e «morrer ao lado do nosso *Führer*». Contudo, von Greim parece absolutamente feliz — seja por ter sido nomeado, ou pelo facto de estar a sair do *bunker*. O telefonista Misch sente-se doente ao vê-los partir. Tinha esperança de que pedissem a von Greim para tirar o *Führer* de Berlim, e então todos poderiam fugir.

*Misch é um dos gigantes delicados da comitiva de Hitler. Tem 1,80 m de altura, mas por sua própria iniciativa foi escolhido para trabalhar para o Führer como «alguém que não causa problemas». Tendo sido gravemente ferido durante a invasão da Polónia em 1939, ficou determinado a não fazer nada que pusesse em causa*

*o seu trabalho para o Führer. «Botas montanhesas pesadas, a enterrar-se na lama e na imundície, em vez de umas fantásticas botas extraleves e feitas à medida a pisar uma alcatifa grossa — não, obrigado.» No entanto, aqui no bunker, sente-se claustrofóbico. Pensa constantemente na sua esposa Gerda e na bebé de ambos. Passaram-se seis dias, desde que conseguiu contactá-la por telefone. Está constantemente a bebericar conhaque e mantém a arma à mão de semear.*

Hitler vai enviar von Greim, como líder da Luftwaffe, em duas missões. Primeiro, tem de mobilizar a Luftwaffe a penetrar o cerco russo: «Todos os aviões disponíveis devem ser chamados até ao nascer do dia!» Depois, terá de prender e tratar da execução do chefe de Fegelein, o líder das SS, Heinrich Himmler.

No dia anterior, quando soube da notícia das negociações de Himmler com os Aliados, Hitler gritou para von Greim: «Um traidor nunca poderá suceder-me como *Führer*! Tens de sair para garantir que isso não acontecerá.»

**«Não é melhor viver uma vida agradável, honrada e arrojada, mas curta, do que arrastar uma longa vida de humilhação?»**

Ao sair do *bunker*, a aviadora Hanna Reitsch leva consigo várias cartas pessoais e oficiais. Eva Braun deu-lhe uma carta de despedida para a sua irmã Gretl, que vai ficar com os pais na casa das montanhas de Hitler, em Obersalzberg. A carta não menciona a morte de Fegelein. O Ministro da Propaganda, Joseph Goebbels e a esposa, Magda, deram-lhe cartas para o seu filho mais velho, Harald, que está detido como prisioneiro de guerra na Grã-Bretanha.

Magda Goebbels está a vestir-se no quarto, no *bunker* superior. Este *bunker* mais antigo é menos ornamentado do que o *Führerbunker* e o seu pequeno quarto é bastante comum, com paredes de betão e pouco mobiliário: uma cama de solteira, uma cómoda e apenas uma lâmpada a servir de iluminação. Com orgulho, Magda prende o crachá dourado do partido, que Hitler lhe deu há dois dias, à parte da frente do vestido. É o crachá pessoal de Hitler, marcado com o número «1»; o crachá da figura

principal do Partido Nazi. Magda sente que é a maior honra da sua vida. Hitler usou aquele crachá no uniforme ao longo de doze anos. Durante as suas funções de Chanceler, Magda interveio frequentemente como primeira-dama oficiosa, acompanhando o *Führer* em ocasiões formais, assumindo a posição mais importante em jantares oficiais enquanto Eva Braun está escondida, confinada ao seu quarto. O crachá confirma o seu estatuto na hierarquia.

*Magda Goebbels nasceu em Berlim, filha de uma criada de quarto solteira. A mãe acabou por ter uma relação longa com um gerente de hotel judeu, Richard Friedlander. Viviam em família no bairro judeu de Berlim; Magda frequentava uma escola judia e celebrava festivais judeus. Enquanto adolescente, optou por adotar o apelido do padrasto. O seu primeiro amor foi um jovem chamado Victor Arlosoroff, líder carismático do Movimento Sionista de Berlim. Magda tornou-se uma apoiante ávida e frequentava as reuniões sionistas. Quando tinha 19 anos e ele 20, Magda e Victor ficaram noivos, mas a relação terminou subitamente no 21º aniversário de Victor e, meses depois, Magda estava noiva de um homem que tinha conhecido no comboio, um dia depois da separação.*

*O homem do comboio era Günther Quandt, um industrial abastado. Günther tinha 38 anos, o dobro da idade de Magda, quando ambos casaram, em 1921. Como condição do seu casamento, Magda voltou ao seu apelido original, pois Günther não queria passar a imagem de estar a casar com uma judia. A mãe de Magda separou-se de Richard Friedlander ao mesmo tempo. Este não foi convidado para o casamento. Nesse ano, Günther e Magda tiveram um filho, Harald, que em 1939 tinha 18 anos e se juntou imediatamente à Luftwaffe. O casal teve um divórcio amigável ao fim de sete anos, e Magda recebeu uma compensação generosa.*

*Pouco depois do divórcio, Magda foi levada por um amigo a um comício nazi, onde ouviu o discurso de Joseph Goebbels. Ficou arrebatada pela sua oratória dinâmica e abordou-o de seguida, oferecendo-se para trabalhar para ele como voluntária. Deram início a uma relação e, em 1931, a rapariga que cresceu no*

*bairro judeu de Berlim casou com o homem que liderou a exclusão de todos os Judeus da cidade e instituiu a estrela amarela obrigatória, que identificava todos os Judeus. Adolf Hitler foi o padrinho de casamento.*

*Magda nunca mais voltou a ver o padrasto, Richard Friedlander. O seu nome está na lista dos que morreram em Buchenwald.*

Os seis filhos dos Goebbels, Helga, Hilde, Helmut, Holde, Hedda e Heide, cujas idades vão dos quatro aos doze anos, estão a dormir em três beliches, no quarto ao lado do da mãe. O quarto de Joseph Goebbels fica mais afastado, descendo a escadaria principal até ao fundo do *Führerbunker*, ao lado da suite de Adolf Hitler e Eva Braun. Há uma semana, quando as crianças chegaram, disseram-lhes que a Alemanha estava prestes a vencer a guerra e que tinham de vir para o *bunker* para estarem prontos para se juntar às comemorações de vitória, com o *Führer*. Na verdade, Joseph e Magda decidiram juntar-se ao seu líder quando perceberam que a derrota estava iminente. Querem enfrentar a morte ao seu lado. Vieram para pôr fim à própria vida e à das crianças.

Magda passou grande parte da semana de cama. Sofre de angina. Só consegue ver os filhos por breves instantes. A responsabilidade de tomar conta das crianças passou em grande parte para as secretárias e pessoal da cozinha. Magda contou em confiança às outras mulheres do *bunker* que tem medo de ser demasiado fraca para matar os filhos, quando chegar a altura.

Nesta noite, Magda escreveu ao seu filho mais velho, Harald. Quando o seu avião foi abatido sobre Itália em 1944, este esteve desaparecido durante vários meses. Os Goebbels ficaram encantados quando finalmente descobriram que Harald tinha sido capturado pelos Britânicos, que consideram ser o desfecho mais seguro, embora não saibam onde está detido. Na verdade, está no campo de prisioneiros de guerra de Latimer House, em Buckinghamshire, onde é muito popular entre os jovens oficiais da RAF que o interrogam. Latimer House é um campo para alemães de alta patente; visto que Harald está lá devido aos contactos da sua família e não devido ao seu cargo, é muito mais jovem e mais afável do que a maioria dos seus colegas de prisão.

Magda Goebbels tenta explicar a Harald porque é que trouxe as suas irmãs e o irmão mais novos para o *bunker*:

«O mundo que sucederá ao Nacional-Socialismo não é um lugar digno de se viver e, por este motivo, trouxe também as crianças para cá. São boas de mais para a vida que virá depois de nós; um Deus misericordioso irá compreender se eu própria as libertar dela...

Tem orgulho de nós... Todos temos de morrer um dia; não é melhor viver uma vida agradável, honrada e arrojada, mas curta, do que arrastar uma longa vida de humilhação?

Meu querido filho  
Vive, pela Alemanha!  
A tua mãe.»

Joseph Goebbels também escreveu ao enteado. Diz-lhe que devia ter orgulho da mãe. Também o avisa:

«Não te deixes perturbar pelo clamor mundial que começará agora. Um dia, as mentiras irão desmoronar e a verdade voltará a triunfar. Esse será o momento em que nos ergueremos sobre todos, limpos e imaculados, como sempre nos esforçámos por ser e acreditámos ser...»

Que tenhas sempre orgulho de ter pertencido a uma família que, mesmo no infortúnio, continuou leal ao *Führer* e à sua causa pura e sagrada, até ao fim.»

Assina com as palavras: «Tudo de bom e saudações calorosas. O teu papá.»

Magda e Joseph confiam estas cartas a Hanna Reitsch, e Magda também lhe dá um anel de diamantes. O presente de despedida de Hitler para Reitsch é uma cápsula de cianeto.

### «Não podia ter um amo melhor.»

No seu escritório, Hitler está a falar com Heinz Linge, o seu criado de quarto.

— Gostaria de te deixar voltar para a tua família.

— *Mein Führer*, estive consigo nos tempos bons e quero ficar consigo nos maus — responde Linge.

*Linge, de trinta e dois anos, era um assentador de tijolos em Bremen quando o prestígio das Waffen SS o inspirou a alistar-se. Tendo sido enviado para proteger a residência nas montanhas de Hitler, a Berghof, foi escolhido para ser seu criado de quarto pouco depois do rebentar da guerra, em 1939. Linge é um homem subjugado e leal, de rosto redondo e olhos azuis-claros. É devotado ao Führer e diz a toda a gente: «Não podia ter um amo melhor.»*

Hitler observa-o calmamente.

— Não esperava outra coisa de ti.

Faz uma pausa e apoia-se na secretária.

— Tenho outra tarefa pessoal para ti. O que tenho de fazer agora é aquilo que ordenei a todos os comandantes: aguentar até à morte. Esta ordem também se aplica a mim, visto que sinto que estou aqui como o Comandante de Berlim...

Linge tem a cabeça em água.

— Tens de pôr dois cobertores no meu quarto e arranjar gasolina suficiente para duas cremações. Vou suicidar-me aqui, juntamente com Eva Braun. Irás embrulhar os nossos corpos em cobertores de lã, levá-los lá para cima, para o jardim, e queimá-los.

Linge está a tremer. Responde a gaguejar:

— *Jawohl, Mein Führer!* — e sai da sala.

*Durante estas últimas semanas, Hitler tem passado a maior parte do tempo no seu escritório do Führerbunker. É uma divisão pequena, com um teto opressivamente baixo. Há uma secretária e um sofá rígido de costas direitas, semelhante a um banco de madeira, estofado com linho branco e azul. Há uma pequena mesa retangular, onde faz as suas refeições com as secretárias, e uma mesa lateral com um rádio. Tem um retrato de Frederico, o Grande, na parede. Na parede do corredor exterior estão também pendurados quadros valiosos, que foram trazidos da Chancelaria do Reich, por questões de segurança. O chão de betão do corredor está forrado com uma alcatifa vermelha e há poltronas confortáveis, onde os generais de Hitler bebem e dormem frequentemente. O gerador a diesel do bunker fica do outro lado do corredor e preenche o Führerbunker com o murmúrio do seu motor e o fedor do seu combustível.*

Em Londres, milhares de pessoas estão a dormir nas plataformas do metropolitano. Ao longo dos últimos cinco anos, cresceu um verdadeiro espírito de comunidade — há beliches, sanitas e até bibliotecas. Acabou a ameaça das bombas voadoras V1 (*Vergeltungswaffe-1*, Arma de Retaliação 1) e mísseis V2. O próprio Churchill o disse na Câmara dos Comuns, a 26 de abril.